

# A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas

## **Edna Lúcia da Silva**

Doutora em Ciência da Informação – UFRJ-Eco/CNPQ-Ibict  
Professora do Departamento de Ciência da Informação. Centro de  
Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina.  
E-mail: els@newsite.com.br

## **Miriam Vieira da Cunha**

Doutora em Ciência da Informação – CNAM, Paris. Professora do  
Departamento de Ciência da Informação. Centro de Ciências da  
Educação. Universidade Federal de Santa Catarina.  
E-mail: mcunha@unetsul.com.br

## **Resumo**

*Reflexão sobre a educação no século XXI com enfoque especial à educação dos bibliotecários. Destaca os quatros pilares básicos e essenciais, preconizados pela Unesco, a um novo conceito de educação: aprender a conhecer, aprender a viver juntos, aprender a fazer e aprender a ser. Apresenta as ponderações elaboradas por Morin, a pedido da Unesco, que poderão melhorar a educação do futuro. Com base em tais fundamentos, discute o papel e a formação do bibliotecário no século XXI. Declara que os dilemas dos educadores, nesses novos tempos, estão centrados em três questionamentos: O que ensinar? Como ensinar? Para que ensinar? Pondera que a formação do bibliotecário deverá enfatizar sua função educativa e que a base deve ser polivalente alicerçada em um conjunto de valores que possibilite alterar percepções, maneiras de pensar e instaure a cooperação e a sabedoria em detrimento do tecnicismo hoje privilegiado. Conclui que o papel mais importante do bibliotecário no século XXI parece ainda ser o de gerenciador da informação.*

## **Palavras-chave**

*Educação dos bibliotecários; Profissional da informação.*

## **The professional education in the XXI century: challenges and dilemmas**

### **Abstract**

*Reflection on education in the 21th century with special attention on librarians' education. It emphasizes the four basic points, praised by Unesco, to a new concept of education: to learn to know, to learn to live together, to learn to do and to learn to be. It presents the points developed by Morin, for UNESCO, that will be able to improve the education of the future. On the bases of such points examine the role of librarians education in 21th century. The educators' dilemmas in these times are centered in three questions: What to teach? How to teach? and Why to teach? It suggests that the Librarianship curricula must privilege librarians' educative role and that this role must be founded in a set of values in order to modify perceptions, and emphasize cooperation in detriment of technology. The paper concludes that the most important function of librarians in 21th century will be the one of information managers.*

### **Keywords**

*Librarians' education; Information professionals.*

## **INTRODUÇÃO**

A chegada do século XXI vem marcada com algumas características: o mundo globalizado e a emergência de uma nova sociedade que se convencionou chamar de sociedade do conhecimento. Tal cenário traz inúmeras transformações em todos os setores da vida humana. O progresso tecnológico é evidente, e a importância dada à informação é incontestável. O progresso tecnológico atua, principalmente, como facilitador no processo comunicacional. Agora é possível processar, armazenar, recuperar e comunicar informação em qualquer formato, sem interferência de fatores como distância, tempo ou volume. Para González de Gómez<sup>1</sup>, “trata-se de uma revolução que agrega novas capacidades à inteligência humana e muda o modo de trabalharmos juntos e vivermos juntos”.

O mundo globalizado da sociedade do conhecimento trouxe mudanças significativas ao mundo do trabalho. O conceito de emprego está sendo substituído pelo de trabalho. A atividade produtiva passa a depender de conhecimentos, e o trabalhador deverá ser um sujeito criativo, crítico e pensante, preparado para agir e se adaptar rapidamente às mudanças dessa nova sociedade.

O diploma passa a não significar necessariamente uma garantia de emprego. A empregabilidade está relacionada à qualificação pessoal; as competências técnicas deverão estar associadas à capacidade de decisão, de adaptação a novas situações, de comunicação oral e escrita, de trabalho em equipe. O profissional será valorizado na medida da sua habilidade para estabelecer relações e de assumir liderança. Para Drucker<sup>2</sup>, “os principais grupos sociais da sociedade do conhecimento serão os ‘trabalhadores do conhecimento’”, pessoas capazes de alocar conhecimentos para incrementar a produtividade e gerar inovação.

Na perspectiva do trabalho na sociedade do conhecimento, a criatividade e a disposição para capacitação permanente serão requeridas e valorizadas. As tecnologias de informação e comunicação estão modificando as situações de trabalho, e as máquinas passaram a executar tarefas rotineiras em substituição aos seres humanos. Neste ambiente de mudanças, “a construção do

conhecimento já não é mais produto unilateral de seres humanos isolados, mas de uma vasta colaboração cognitiva distribuída, da qual participam aprendentes humanos e sistemas cognitivos artificiais”<sup>3</sup>. Constatase, também, que esse é um processo sem possibilidade de reversão. O que fazer? Os seres humanos terão de alterar suas expectativas de emprego e modificar as suas relações com o trabalho.

Nesta conjuntura, em que a mudança tecnológica é a regra, buscar condições para ancorar a preparação do profissional do futuro requer uma estratégia diferenciada. Este profissional deverá interagir com máquinas sofisticadas e inteligentes, será um agente no processo de tomada de decisão. Além disso, o seu valor no mercado será estimado com base em seu dinamismo, em sua criatividade e em seu empreendedorismo. Todas esses fatores evidenciam que só a educação será capaz de preparar as pessoas para enfrentar os desafios dessa nova sociedade.

Além disso, segundo De Masi<sup>4</sup>, existem alguns valores emergentes, nesta nova sociedade, que merecem ser levados em consideração quando tratamos de formação e educação profissional. Um deles é a intelectualidade (valorização das atividades cerebrais em detrimento às atividades braçais); outro é a criatividade (tarefas repetitivas e chatas serão feitas pelas máquinas); outro é a estética (o que distingue hoje não é mais a técnica, e sim a estética, o *design*). Para este autor, ainda, a subjetividade, a emotividade, a desestruturação e a descontinuidade também são valores importantes e, por isso, deverão, também, estar na mira dos processos educativos do futuro.

Esta realidade parece apontar para uma educação básica e polivalente que valorize a cultura geral, a postura profissional, a ética e a responsabilidade social.

Refletir sobre a formação do bibliotecário para atuar no cenário do século XXI é o objetivo deste trabalho. Nesta reflexão, merecerão destaque: a educação e o século XXI e a educação dos bibliotecários.

## **A EDUCAÇÃO E O SÉCULO XXI**

Na sociedade do conhecimento, os indivíduos são fundamentais. Druker<sup>5</sup> alerta que o conhecimento moeda desta nova era não é impessoal como o dinheiro. “Conhecimento não reside em um livro, em um banco de dados, em um programa de *software*: estes contêm informações. O conhecimento está sempre incorporado por uma pessoa, é transportado por uma pessoa, é criado,

ampliado ou aperfeiçoado por uma pessoa, é aplicado, ensinado e transmitido por uma pessoa e é usado, bem ou mal, por uma pessoa. Para ele, a sociedade do conhecimento coloca a pessoa no centro, e isso levanta desafios e questões a respeito de como preparar a pessoa para atuar neste novo contexto.

Para Delors<sup>6</sup>, “face aos múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social. Para ele, só a educação conduzirá “a um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras...”

Com base nesta visão, a Unesco, por meio de sua Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, presidida por Jacques Delors<sup>6</sup>, estabelece os quatro pilares de um novo tipo de educação com enfoque em aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser.

*Aprender a viver junto* é considerado uns dos pilares mais importantes do processo educativo desses novos tempos. Ressalta a interdependência do mundo moderno e a importância das relações. Tudo está interligado e tudo que acontece afetará a todos de uma forma ou de outra. O que o mundo precisa mais é de compreensão mútua, intercâmbios pacíficos e harmonia. “Trata-se de aprender a viver conjuntamente, desenvolvendo o conhecimento dos outros, de sua história, de suas tradições e de sua espiritualidade. E, a partir disso, criar um espírito novo que, graças precisamente a essa percepção de nossas interdependências crescentes e a uma análise partilhada dos riscos e desafios do futuro, promova a realização de projetos comuns, ou melhor, uma gestão inteligente e apaziguadora dos inevitáveis conflitos...”

*Aprender a conhecer* é um pilar que tem como pano de fundo o prazer de compreender, de conhecer e de descobrir. Aprender para conhecer supõe aprender para aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento. Uma das tarefas mais importantes no processo educacional, hoje, é ensinar como chegar à informação. Parte da consciência de que é impossível estudar tudo, de que o conhecimento não cessa de progredir e se acumular. Então o mais importante é saber conhecer os meios para se chegar até ele.

*Aprender a fazer* significa que a educação não pode aceitar a imposição de opção entre a teoria e a técnica, o saber e o fazer. A educação para o novo século tem a obrigação

de associar a técnica com a aplicação de conhecimentos teóricos.

*Aprender a ser* é um pilar que foi preconizado pelo Relatório Edgard Faure, preparado para a Unesco, na década de 70. O mundo atual exige de cada pessoa uma grande capacidade de autonomia e uma postura ética. Considera-se que os atos e as responsabilidades pessoais interferem no destino coletivo. Refere-se ao desenvolvimento dos talentos do ser humano: memória, raciocínio, imaginação, capacidades físicas, sentido estético, facilidade de comunicação com os outros, carisma natural etc. Confirma a necessidade de “cada um se conhecer e se compreender melhor”.

A educação no século XXI deverá ser uma educação ao longo da vida. Este conceito permite “ordenar as diferentes seqüências de aprendizagem (educação básica, secundária e superior), gerir as transições, diversificar os percursos, valorizando-os”. A educação deverá se preocupar com a formação do cidadão, da pessoa em seu sentido amplo, e não somente com a formação profissional.

Igualmente importante para o entendimento dos caminhos da educação do futuro é o documento elaborado por Morin<sup>7</sup>, a pedido da Unesco. Este autor, neste documento, apresenta reflexões a respeito de questões fundamentais para melhorar a educação no próximo século.

A primeira ressalta que o conhecimento comporta erros e ilusões. A mente humana é sujeita a falhas de memória, enganos e, por isso, a escola deve preparar a mente humana para conhecer o que é conhecer como forma de estar apta para o combate e identificação permanente de erros. Portanto, “é necessário introduzir e desenvolver na educação o estudo das características cerebrais, mentais, culturais dos conhecimentos humanos, de seus processos e modalidades, das disposições tanto psíquicas quanto culturais” com forma de identificar o que leva ao erro ou à ilusão.

A segunda refere-se ao que Morin chama de “conhecimento pertinente”. Trata da necessidade de promover o conhecimento capaz de apreender problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais”. O conhecimento deve estar voltado para apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto. Para Morin, é preciso “ensinar os métodos que permitam estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo”.

A terceira reflexão defende que a educação do futuro deverá ser centrada na condição humana. Ensinar a condição humana significa situar/questionar nossa posição no mundo no plano físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico. “Para a educação do futuro, é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes...”.

Na quarta reflexão, Morin enfatiza que a educação do futuro também deverá estar comprometida em ensinar a “identidade da terra”. É preciso aprender a “estar aqui”, o que significa aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar nas culturas singulares e, também, aprender a ser, viver, dividir e comunicar-se como ser humano do planeta terra. O mundo global necessita de seres humanos que tenham “consciência antropológica”, “consciência ecológica”, “consciência cívica terrena” e “consciência espiritual da condição humana”.

Na quinta, Morin enfoca que a educação deve mostrar que na atualidade a lógica determinística deve ser substituída pela lógica da incerteza. Por isso, a educação deve ensinar “princípios de estratégia que permitam enfrentar os imprevistos, o inesperado e a incerteza e modificar seu desenvolvimento, em virtude das informações adquiridas ao longo do tempo”. Para Morin, “é preciso aprender a navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza”.

Na sexta, Morin afirma que a educação deve “ensinar a compreensão”. A educação para a compreensão é fundamental em todos os níveis educativos e em todas as idades. Considera a compreensão mútua fundamental para a educação do futuro. Por isso, estudar a incompreensão a partir de suas raízes, suas modalidades e efeitos possibilitaria a identificação das causas do racismo, da xenofobia, do desprezo e traria uma base mais consistente à “educação para a paz”.

Finalmente, Morin levanta a questão da “ética do gênero humano”. A educação do futuro deve conduzir à “antropoética”. A ética, neste sentido, para Morin, tem três dimensões: uma do indivíduo, uma social e outra da espécie. Estas três dimensões estão inter-relacionadas e deveriam ser vistas de maneira integrada. A antropoética supõe a decisão consciente de “assumir a condição hu-

mana indivíduo/sociedade/espécie na complexidade do nosso ser; alcançar a humanidade em nós mesmos em nossa consciência pessoal e assumir o destino humano em suas antinomias e plenitude”. A antropoética pressupõe “trabalhar para a humanização da humanidade; efetuar a dupla pilotagem do planeta: obedecer à vida, guiar a vida; alcançar a unidade planetária na diversidade; respeitar no outro, ao mesmo tempo, a diferença e a identidade quanto a si mesmo; desenvolver a ética da solidariedade; desenvolver a ética da compreensão; ensinar a ética do gênero humano”.

Em resumo, a educação no século XXI estará atrelada ao desenvolvimento da capacidade intelectual dos estudantes e a princípios éticos, de compreensão e de solidariedade humana. A educação visará a prepará-los para lidar com mudanças e diversidades tecnológicas, econômicas e culturais, equipando-os com qualidades como iniciativa, atitude e adaptabilidade. A universidade, neste contexto, tem seu papel ampliado. A globalização, segundo a Unesco<sup>8</sup>, mostra que o “moderno desenvolvimento de recursos humanos implica não somente uma necessidade de perícia em profissionalismo avançado, mas também de consciência nos assuntos culturais, de meio ambiente e social envolvidos”. Para isso, a universidade deverá reforçar seus papéis no aumento dos valores éticos e morais da sociedade e no desenvolvimento do espírito cívico ativo e participativo de seus futuros graduados. A universidade precisa dar “maior ênfase para o desenvolvimento pessoal dos estudantes, juntamente com a preparação de sua vida profissional”.

### **A EDUCAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO: ALGUMAS REFLEXÕES**

Jamais a evolução da ciência e da técnica foi tão rápida e com tantas conseqüências diretas sobre a vida cotidiana, o trabalho, as formas de comunicação e a relação com o corpo e com o espaço. É no universo do saber e do saber fazer (o universo das técnicas) que estas mudanças são mais fortes. Por esta razão, o saber condiciona todas as outras dimensões da vida em sociedade.

A quantidade de mensagens em circulação nunca foi tão grande. Entretanto, dispomos de poucos instrumentos para filtrar a informação pertinente, para estabelecer comparações, enfim, para nos encontrarmos nos espaços dos fluxos informacionais. A distância entre a quantidade dos fluxos, das mensagens e as formas tradicionais de decisão e de orientação é cada vez maior.

Ora, como vimos anteriormente, para ser um ator efetivo na sociedade do conhecimento, cada indivíduo deve aprender a manejar sua riqueza de conhecimento, como gerar novos conhecimentos e como traduzir o conhecimento em informação útil para o desenvolvimento da sociedade de forma a agir e se adaptar a esta realidade. A era do conhecimento demanda mentes questionadoras e imaginativas que devem ser cultivadas através de uma educação adequada e com conteúdos pertinentes e conseqüentes.

O conceito de sociedade do conhecimento se baseia no crescente reconhecimento do papel que ocupam a aquisição, a criação, a assimilação e a disseminação do conhecimento em todas as áreas da sociedade. “A verdade não é dada pronta [...], mas está constantemente em jogo, através de processos abertos e coletivos de pesquisa, de construção e de crítica<sup>9</sup>.”

Ora, para construir e criticar, é necessário buscar informação, disponibilizar informação, criar e transformar informação. Estas práticas são intimamente ligadas ao fazer dos profissionais da informação e especificamente dos bibliotecários.

A realidade em que vivemos, dentro de um contexto globalizado, exige dos profissionais de todas as áreas melhor desempenho e mais eficiência. Dentro deste contexto, os bibliotecários devem estar preparados de forma a responder às novas exigências da sociedade do conhecimento.

Nesta sociedade onde a utilização eficaz da informação e do conhecimento tornou-se fundamental, a competência destes profissionais tem sido submetida à pressão de novas formas de demanda, conseqüência da necessidade de as pessoas e as instituições operarem de forma mais eficaz em termos de tomada de decisão, de inovação e de aquisição de conhecimento.

De que forma se transmitem estas competências? Como preparar profissionais para lidar com esta nova realidade, para serem atores efetivos nesta nova realidade, para interagir nesta nova sociedade?

O valor e a organização do conhecimento dependem da motivação e dos objetivos de cada indivíduo em um determinado momento. Somente o exercício em situações reais dá sentido e valor ao conhecimento.

Segundo Levy<sup>10</sup>, “o conhecimento que vive de invenção coletiva, de transformação, de interpretação e de troca é um dos lugares onde a solidariedade do homem pode ter mais sentido, transformando-se em um dos laços mais fortes entre os indivíduos”.

Parece-nos importante inculcar na educação dos bibliotecários o princípio de “conhecimento pertinente”, preconizado por Morin, levando-os a estabelecer relações recíprocas entre as partes e o todo.

Ora, os bibliotecários são levados cada vez mais a participar ativamente do fluxo internacional de informações por meio da prestação de serviços a usuários virtuais que podem estar localizados em qualquer local do planeta. Em contrapartida, estes mesmos profissionais se beneficiam e utilizam serviços provenientes deste fluxo internacional. É essencial que estes profissionais sejam formados no sentido de compartilhar serviços colaborando, desta forma, em um sistema global de informações. Seu fazer é, portanto, essencialmente um fazer de trocar, de pôr à disposição informações a partir de um contexto local – o da instituição e da unidade de informação – para um contexto planetário e deste contexto planetário para o individual.

Além disso, parece fundamental que a formação destes profissionais que lidam basicamente com informação e conhecimento os leve a adquirir uma consciência de sua importância.

A diversidade e o fluxo dos conhecimentos disponíveis atualmente são tais que nenhum indivíduo pode possuir a totalidade do conhecimento. A inteligência e o pensamento estão condenados ao trabalho em comum, à abertura, à transparência, à troca. Como afirma Levy<sup>10</sup>, “nas nossas interações com as coisas, desenvolvemos competências. Nas nossas relações com os signos e com a informação, adquirimos conhecimento. Na relação com os outros, através da iniciação e da transmissão, fazemos viver o saber. Competência, conhecimento e saber (que podem estar relacionados com os mesmos objetos) são três formas complementares da transação cognitiva que se confundem todo o tempo. Cada atividade, cada ato de comunicação, cada relação humana implica um aprendizado.”

Ora, trabalho em comum, cooperação, transparência, troca são, no nosso entender, princípios fundamentais do fazer bibliotecário.

Vivemos em um movimento de fragmentação e de dispersão que se instala no mundo do trabalho. As mudanças neste universo em direção a um trabalho mais qualificado enfatizam a necessidade de novos modelos de qualificação profissional.

Que modelos são esses?

No nosso entender, esses modelos devem estar baseados nos princípios enfatizados por Morin sobre a educação do futuro. Neste sentido, a educação dos bibliotecários deverá, no século XXI, priorizar a condição humana, enfatizando princípios como o “conhecimento pertinente”, o aprender a ser, a comunicar-se e a compreender outros indivíduos. É fundamental enfatizar a necessidade de articulação do acervo cognitivo com o mundo do trabalho em paralelo ao investimento individual em treinamento e capacitação.

Os novos perfis profissionais privilegiam a criatividade, a interatividade, a flexibilidade e o aprendizado contínuo. Além disso, os novos profissionais devem ser capazes de operacionalizar seu conhecimento de modo integrado às suas aptidões e vivências culturais.

É necessário enfatizar que o bibliotecário é em sua essência um mediador, um comunicador, alguém que põe em contato informações com pessoas, pessoas com informações.

Uma das questões centrais da sociedade da informação é que o objeto de trabalho do homem passa a ser a interação com outros homens. O saber e a comunicação passam a ocupar a maioria das atividades humanas. Além disso, é necessário lembrar que “a informação é um fator intrínseco a qualquer atividade, fator este que deve ser conhecido, processado, compreendido e utilizado contribuindo para ampliar de forma segura as atividades humanas”<sup>11</sup>.

Os bibliotecários, profissionais que privilegiam a informação no seu fazer cotidiano, têm um papel importante a cumprir na sociedade do conhecimento. Inculcar a consciência da importância deste papel juntamente com princípios como ética, solidariedade humana, capacidade crítica e de questionamento pode fazer o diferencial necessário na construção de uma sociedade mais justa e equilibrada.

Esperamos que, com uma educação baseada em princípios éticos e solidários, os bibliotecários sejam atores fundamentais neste processo.

## CONCLUSÃO

Os dilemas dos educadores do século XXI parecem estar resumidos em três questionamentos: O que ensinar? Como ensinar? Para que ensinar?

Dertouzos<sup>12</sup> alerta que a educação é muito mais que a transferência de conhecimentos de professores para alunos. Acender a “chama da vontade de aprender no coração dos estudantes, dar o exemplo e criar vínculos entre professores e alunos” são fatores essenciais para o sucesso do aprendizado. E este é um papel que a tecnologia não poderá cumprir.

Em *A cabeça bem-feita*, Morin<sup>13</sup> defende que o ensino educativo deve buscar não a mera transmissão do saber acumulado, mas uma cultura que possibilite a compreensão da condição humana e nos ajude a viver, e que favoreça um modo de pensar aberto e livre. A educação, para o autor, deve propiciar a compreensão do contexto, o todo em relação às partes, as partes em relação ao todo. Para ele, o excesso de especialização do saber leva ao enfraquecimento da responsabilidade e da solidariedade. Cada um faz a sua parte, e não há consciência da coresponsabilidade pelo todo. Ensinar não é distribuir certezas, mas instigar dúvidas; não é inculcar a aceitação passiva do estabelecido, mas instrumentalizar para a contestação; não é formar iguais, mas diferentes, unidos pelo respeito e aceitação das próprias diversidades. A educação “pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas”.

O papel mais importante do bibliotecário no século XXI parece ainda ser o de gerenciador da informação. A importância dessa tarefa pode ser assim colocada: o grande problema desse século é a superabundância de informação. Então, se não possuímos sistemas e estratégias adequadas de acesso à informação ou estivermos despreparados para acessá-las, de que servirá tanta informação? Do que servirá a tecnologia, se a maioria das pessoas não saberá utilizá-la ou não terá acesso a elas? Os computadores e os sistemas inteligentes de processamento de dados podem até assumir parte dessa tarefa. No entanto, a organização e a manipulação de toda essa informação requer instruções, e aqui é que o bibliotecário poderá contribuir. Tal tarefa influenciará diretamente a vida de todas as pessoas e irá requerer competências de cunho educativo, intelectual, social e tecnológico.

## REFERÊNCIAS

1. GONZÁLEZ DE GOMEZ, Maria Nélida. A globalização e os novos espaços. *Informare*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2-3, jan. 1997.
2. DRUCKER, Peter. *Sociedade pós-capitalista*. 6. ed. São Paulo : Pioneira, 1997.
3. ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 20, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.
4. DE MASI, Domenico. *Competência criativa: o desafio da educação no novo milênio*. Disponível em: < [http://www.al.rs.gov.br/comiss%C3%B5es50/Eventos/1999/Palestras/991026\\_Domenico\\_De\\_Masi.htm](http://www.al.rs.gov.br/comiss%C3%B5es50/Eventos/1999/Palestras/991026_Domenico_De_Masi.htm)>. Acesso em: 12 maio 2001.
5. DRUCKER, Peter. *Sociedade de pós-capitalista*. 6. ed. São Paulo : Pioneira, 1997. p. xvi.
6. DELORS, Jacques. (org.). *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. 4. ed. São Paulo : Cortez, 2000. p. 11, p.19-32.
7. MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo : Cortez, 2000.
8. UNESCO. *Política de mudança e desenvolvimento no ensino superior*. Rio de Janeiro : Garamond, 1999.
9. LEVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 9, dez.1998. Disponível em: < <http://www.pucrs.br/famecos/levyfinal.html>>. Acesso em: 12 maio 2002.
10. \_\_\_\_\_. *L'intelligence collective: pour une anthropologie du cyberspace*. Paris: La Découverte, 1997.
11. CARVALHO, Isabel Cristina Louzada; KANISKI, Ana Lúcia. A sociedade do conhecimento e o acesso à informação: para que e para quem? *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 33-39, set./dez.2000.
12. DERTOUZOS, Michael. *O que será: como a informação transformará nossas vidas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2000.
13. MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: reformar a reforma, reforçar o pensamento*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2000.